

## O comparativismo das vozes femininas em descompasso em *Fogo Morto*, de José Lins do Rego

Nádia L. S. Oliveira<sup>1</sup>, Eridiany A. G. Freire<sup>2</sup>, Maria M. L. do Nascimento<sup>3</sup>, Antônio C. da S. Costa<sup>4</sup>.

1. Estudante do curso Técnico em Informática do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN; \* nadiarauane@hotmail.com
2. Estudante do curso Técnico em Apicultura do Instituto Federal do Rio Grande do Norte – IFRN;
3. Estudante do curso Técnico em Apicultura do Instituto Federal do Rio Grande do Norte - IIFRN;
4. Pesquisador do IFRN, campus Pau dos Ferros.

Palavras Chave: *Fogo Morto*, vozes femininas, comparativismo.

### Introdução

*Fogo Morto* é um romance composto por três seções, protagonizadas por famílias distintas que se relacionam ao longo do enredo. A primeira família é constituída pelo Mestre José Amaro, sua esposa Sinhá e Marta, a filha do casal; a segunda, pelo Capitão Lula de Holanda, Capitão Tomás e sua esposa Mariquinha, e suas filhas Amélia e Olívia. Amélia casou-se com Seu Lula e dessa união nasceu Neném. Por fim, a terceira família é a de Capitão Vitorino, sua esposa Adriana e o filho Luís.

O objetivo deste trabalho é analisar as vozes femininas – silenciadas ou não – em seus encontros e desencontros, ecoadas pelas principais mulheres de cada parte do romance. Vale salientar que todas as personagens apresentam-se socialmente sujeitas ao poderio de alguma figura masculina; contudo, aspectos como personalidade, instrução, classe social e poder aquisitivo as diferem.

Ao comparar essas personagens por seus descompassos, tomando suas vozes enquanto esposas, mães, filhas e/ou, simplesmente, mulheres, é perceptível que elas defrontam problemas semelhantes e diversos, ou mesmo opostos em suas respectivas vidas – matrimônios, maternidades, afazeres, angustias, fugas e loucuras.

### Resultados e Discussão

Sinhá ocupava-se em serviços domésticos e no cuidado para com a filha e o marido, sujeitava-se a ele. No entanto, uma característica marcante dessa personagem sem nome, apenas Sinhá, é a bravura ao defender a filha das ríspidas palavras do pai: “– Deixa a menina, Zeca! [...] – É o que sabe dizer esta vaca velha” (RÊGO, 1997, p. 8). Há, então, o silêncio de uma esposa pela reprovação do marido, mas, ao mesmo tempo, a voz ativa de uma mãe.

Marta, por sua vez, pouco fala, embora muito diga em seu silêncio e em seus ataques de loucura. Além disso, sofria por ser solteira, descumprindo o “papel social” imposto. A “menina” era desprezada pelo pai, inconformado porque preferiria um filho. Oprimida e reprimida em sua identidade, Marta acaba por enlouquecer e representar “sua contradição constitutiva” (ORLANDI, 2007, p. 24).

D. Mariquinha, “[...] mulher de muito bom pensar, que só vivia para a casa, para os filhos, para a criação, para os negros” (RÊGO, 1997, p. 115) parecia com Sinhá, porém, era a senhora do engenho e da casa grande. As duas eram infelizes em seus casamentos e lidavam com a aspereza dos maridos, “O capitão era homem seco, de poucas palavras, de cara fechada” (RÊGO, 1997, p. 116) e o mestre “fora ele sempre de muito gênio, de palavras duras, de pouco grado” (RÊGO, 1997, p. 38).

Ao contrário de Marta, as filhas de d. Mariquinha eram alvo dos constantes esforços do pai em dar-lhes uma

boa educação. Olívia, apesar disso, sofreu do mesmo mal de Marta: a loucura, causada pelo temperamento do pai e excessivas cobranças. A outra filha, Amélia, “[...] tudo teria para ser uma esposa completa” (RÊGO, 1997, p. 118) se não tivesse escolhido tão mal o marido.

D. Mariquinha, por sua vez, ao tornar-se viúva, assumiu o engenho porque “via que o genro não era homem para botar as coisas para frente [...]. Então resolveu dar as ordens no seu engenho” (RÊGO, 1997, p. 133). O casamento de Amélia com Lula declinou e ele revelou-se ainda mais duro que Tomás. Ela, então, foi a sucessora de Mariquinha, “as mãos finas de d. Amélia tomaram o lugar das mãos grossas de d. Mariquinha” (RÊGO, 1997, p.139).

Enquanto isso, a filha Neném, outra personagem sem nome, lidava com o pai possessivo e repressor. A moça, por consequência, permaneceu solteira como Marta e Olívia. Contudo, não chegou a enlouquecer como a tia, mas “parecia uma criatura sem alma. Pouco falava com os de casa” (RÊGO, 1997, p. 164). Era como Marta.

Adriana, por fim, via-se quase sempre só como a comadre e amiga Sinhá, pois o filho morava distante e o marido passava dias fora de casa em suas andanças intermináveis. Com isso, acabava governando sozinha sua casa e sua vida, como fizera Mariquinha e Amélia.

### Conclusões

Após compararmos essas personagens através de suas vozes descompassadas, é possível extrair reflexões, pois “[...] a comparação, mesmo em estudos comparativos, é um meio, não um fim” (CARVALHAL, 2006, p. 7).

Sobre Sinhá, Mariquinha, Amélia e Adriana é possível depreender que os problemas, em especial os de cunho matrimonial, são símeis diante de maridos duros, apesar das diferentes condições financeiras, dá educação recebida e da posição social que ocupam. Elas repetem estereótipos culturais. (BONNICI; ZOLIN, 2003).

Quanto à Marta, Olívia e Neném, aprendemos que as figuras paternas, opressores ou possessivos, são determinantes para tornar a vida das filhas em tristeza, desalento e loucura. É como se o sexo determinasse a superioridade masculina. (CASAGRANDE, 2011).

BONNICI, T.; ZOLIN, L. O. (Org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Universidade Estadual do Maringá, 2003.

CARVALHAL, T. F. **Literatura Comparada**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007, 94p.

CASAGRANDE, L. S. et al. **Igualdade de gênero**: enfrentando o sexismo e a homofobia. Curitiba: Editora UFTRP, 2011, 353p.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora UNICAMP, 2007, 181p.

RÊGO, J. L. do. **Fogo Morto**. 48. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1997, 245p.